
APRESENTAÇÃO (do livro **Textos malditos**. EST, 2002)

A cientificidade e a tecnicidade tornaram-se os grandes e, talvez, exclusivos parâmetros para a fundamentação de todo pensar e de todo agir humanos. Dificilmente, quando queremos falar o discurso oficial, propomos alguma ideia ou atividade que não seja em nome da ciência e da técnica. A modernidade caracteriza-se pelo controle e pelo monopólio absoluto do epistemológico e do técnico, assim como na Idade Média tudo era orientado pelo teológico, tudo devia receber o selo e o carimbo de Deus direta ou indiretamente. O homem, antes de ser corpo, devia ser alma. Na modernidade o carimbo é dado pela ciência. Na tradição bíblica, Deus expulsou os homens do paraíso. No presenteísmo moderno, o homem expulsou Deus do mundo. Foi assim que o sábio moderno, lentamente, endeusou a Razão que lhe forneceu a certeza da positividade do conhecimento científico, e a segurança da ação técnica. A providência divina foi aposentada. Toda atividade humana, dita como séria, objetiva e produtiva, deve receber o selo de qualidade fornecido pela base teórica científica e pela eficácia concreta da ação técnica, instrumentos suficientes para redesenhar o mundo.

Toda ação humana, que se pretenda reconhecida como uma ação do homem vitorioso e bem sucedido, precisa atingir o mais alto grau de eficiência, hoje, resumida pela ideia de qualidade total. Ideal que deve orientar toda iniciativa do homem de negócios, mas é preciso ser teorizado pelas instituições de pesquisa, entre elas as universidades. Por isso, o importante é produzir ciência e, particularmente, ciência de ponta, aquela que está para além da realidade cotidiana. Uma ciência que se sustenta, não pela solução de problemas da existência humana, mas pela sua lógica interna.

A educação física identificada com o esporte, como não poderia deixar de ser, segue o mesmo caminho, isto é, o da ciência e o da técnica. O valor supremo é produzir mais e mais, *citius, altius, fortius*. É superar continuamente o resultado anterior. É o poderoso mito do progresso ilimitado. E a grande vitrine deste esporte científico e técnico na perseguição da transcendência de um infinito progressivo, sem dúvida nenhuma, foi construída pelas Olimpíadas Modernas, especialmente, as suas últimas edições. O esporte científico e técnico está inserido no contexto da era industrial como uma das mais valiosas mercadorias, razão pela qual arrasta inexoravelmente a educação física como sua base teórica e prática.

Será a modernidade o último passo do ideal de humanização do homem? E se nela existir o germe de desumanização, o que deveríamos fazer? É possível pensar no fim da ciência, como anuncia John Horgan? Haveria espaço para uma nova cientificidade fundante de uma nova era, a pós-modernidade, como proclamam Edgar Morin, Jean Baudrillard, Michel Maffesoli, Boaventura de Souza Santos e tantos outros pensadores da atualidade?

O corpo humano, o grande herói para alguns ou a grande vítima para outros, é garantia de progresso ilimitado? A tal da decantada busca de transcendência, ou superação dos próprios limites, mesmo com os recursos de drogas, será infinita? Nunca haverá o

recorde definitivo, a escada dos índices de performance, como a Torre de Babel, terá a meta de chegar aos céus? Se pela mecânica este sonho parecia ilusão, hoje, a engenharia genética parece renovar os sonhos desta ambiciosa empreitada. Resta saber a que preços.

Diante disto, qual o papel da filosofia? Talvez, antes de perguntar pelo papel da filosofia, seja interessante saber se ela tem o direito para se apresentar neste cenário de alta cientificidade e poderosa tecnicidade. Se pensarmos como Nietzsche, a filosofia, no mínimo, caso queria entrar neste santuário, precisa apresentar suas credenciais identificando-se quem ela é. Provavelmente, poderá ver suas credenciais recusadas. Neste caso, o seu consolo, é saber que ela está presente nos lugares onde lhe é negada a presença, porque ninguém é sem filosofia. Dizer-se sem filosofia é declarar sua filosofia.

Assim, no meu entender, a filosofia, além de ter o direito de se fazer presente, tem um papel que sempre lhe foi confiado, embora nem sempre exercido, o da resistência. Uma resistência nietzscheana contra as forças de destruição do humano do homem. Devo, entretanto, fazer umas observações.

Não pretendo trazer aqui um libelo a favor do fim da ciência, mas apenas, de um lado, um grito de resistência contra seu monopólio epistemológico e contra a exclusividade de suas verdades, e, de outro lado, um apelo para que sejam legitimados outros saberes, outros falares e diferentes pensares. Portanto, não penso em levar aos tribunais de uma nova Inquisição os cientistas modernos, nem submeter suas doutrinas ao julgamento do Santo Ofício, muito menos negar os benefícios do conhecimento científico e da técnica. Luto, isto sim, pelo direito de poder rebelar-me contra as imposições de supostas neutralidade e objetividade da verdade científica e dos cientistas; de não sentir-me obrigado a adotar uma metodologia única para tratar os problemas do ser vivo, em geral, e do ser humano, em particular; de sustentar a tese de que a natureza tem muito mais ordens e racionalidades do que a ordem e a racionalidade lógico-matemáticas da cientificidade moderna.

Quero, também, observar que as línguas nunca foram salvas pela preservação de suas gramáticas e sintaxes, mas pelo falar das pessoas. Tanto é que falamos em línguas mortas, não porque não preservamos suas regras gramaticais e sintáticas, mas porque não as falamos mais. Os professores de latim, até a reforma do ensino secundário, ensinavam gramática latina. O latim que nós falávamos, transformou-se em português, por isso, faz parte das línguas neolatinas, que quer dizer um novo latim.

Já que tomei esse rumo de conversa apresentadora, vou lembrar minhas primeiras experiências de magistério em escolas públicas e privadas de segundo grau. Tentava eu discutir filosofia num momento em que sua cotação estava em total baixa e sob controle da ditadura militar, mas havia alguns fatos que me ajudavam a sair dos filósofos e entrar no cotidiano da vida escolar. Os professores de português trabalhavam com todo o empenho para ensinar as regras gramaticais, análises sintáticas e descobrir o sentido dos textos, razão de sua disciplina. Mais ou menos, como o professor de matemática, o professor de língua portuguesa tinha a seu dispor um conteúdo fixo, contido nas gramáticas e nos léxicos, bastante semelhante às operações matemáticas. A tranquilidade reinava absoluta, até o dia em que entrou na escola O Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry, uma leitura da moda. Como

de hábito, os professores propuseram que os alunos encontrassem o sentido de cada historinha, vamos chamar assim, suas alegorias. Acontece que, na aula de filosofia, foi observado que esse discurso literário não tem um sentido só. Os sentidos podem estar, como o carneiro, dentro de uma caixa, talvez precise de um leitor, que não seja tão grande como o cientista e tenha o tamanho da criança, para poder descobrir que ele está lá dentro adormecido.

Houve outro abalo, talvez mais complicador, quando Grande Sertão Veredas de Guimarães Rosa começou fazer parte da bibliografia indicada para o Vestibular. A escrita e a fala ferem as leis da gramática e da sintaxe. Riobaldo fala caipira. Ficou evidente o embaraço nas aulas de português gramatical. O mais fácil seria esquecer tanto Saint-Exupéry, quanto Guimarães Rosa. A culpa não era só dos professores, era da academia que os havia treinado a ensinar gramáticas e sintaxes. Faltou, da parte deles, apenas, uma pitada de rebeldia. A rebeldia que teve Drumond de Andrade a fazer poesia valendo-se do modo de falar da juventude ou de Jorge Amado que, se tivesse dado ouvidos aos críticos literários, não teria se transformado num grande fenômeno da literatura brasileira.

Devo dizer, também, que respeito os jovens atletas que preferem os esportes de alto rendimento privilegiando o desenvolvimento muscular, o que, segundo o médico José Róiz, “acarretará, atraso no desenvolvimento de todos os outros órgãos (...) e o cérebro, por exemplo, possivelmente não deve ficar satisfeito de ser relegado em segundo plano, justamente pela parte menos importante do conjunto”. (Rev. Caros Amigos. 02.2002 p.11). Fica claro que o cérebro é a parte mais importante dentro da percepção da bioneurologia, posição defendida por Antônio Damásio, mas o conceito de importância, valor subjetivo, poderá variar conforme a cultura e o projeto de vida de cada pessoa.

E para concluir minha apresentação, quero declarar que gostaria - e de gostos dizem que não se discute - que a educação física mais do que me treinar para saltar alturas em metros ou centímetros, me permite-se saltar pelo prazer de flutuar no ar por alguns segundos; mais do que transmitir técnicas de natação para superar o tempo e o espaço, me ajudasse a cultivar o carinho macio da água; mais do que insistir na automação dos arremessos ao cesto, me mostrasse a beleza da trajetória da bola voando ao encontro de uma recepcionista.

E mais, não nego o direito dos cientistas de fazer ciência, gostaria apenas que todos tivessem oportunidade de fazer sua ciência, não apenas à margem e fora das Academias, mas também no seu interior. Afinal, quantos saberes, construídos sem o apoio das instituições oficiais, acabaram por tornarem-se a base de suas pesquisas e conteúdo de seu ensino.

S. S. 20.02.2002.